

RIO SÃO FRANCISCO:

água e vida

Em São Roque de Minas, no alto do Chapadão da Zagaia, na Serra da Canastra, fiéis celebraram sua crença na vida, na vida do rio, e dele se fizeram peregrinos. Era 4 de outubro de 1992 e Frei Luiz Flávio Cappio, missionário franciscano – hoje Dom Luiz, bispo da diocese de Barra, no centro-oeste da Bahia, à margem esquerda do São Francisco, onde o Rio Grande deposita suas águas claras –, acompanhado da Irmã Conceição Tanajura de Menezes, educadora e missionária, de Orlando Rosa de Araújo, lavrador e sindicalista, e de Adriano Martins, ativista ecológico, se puseram a caminhar rio abaixo, Brasil acima, ajuntando povo, dizendo missa, cantando benditos e contando lamentos de uma vida minguate.

Mãos e bolsos vazios, sua bagagem era um testemunho de fé, uma imagem também peregrina do Santo de Assis.

Por 365 dias percorreram mais de 300 comunidades beiradeiras em Minas, Bahia,

Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Fizeram 737 celebrações, 464 encontros com estudantes de todos os níveis, 296 com crianças, jovens, sindicatos, grupos ecológicos, colônias de pescadores e tribos indígenas, 46 encontros com câmaras de vereadores, 35 com prefeituras municipais, 15 com empresas, entrevistas para 38 emissoras de rádio, 15 canais de televisão, 45 jornais.

A mensagem era uma só: o Rio São Francisco está morrendo e é preciso lutar por sua vida, pelas vidas de milhões de brasileiros que vivem de suas dádivas.

4 de outubro de 1993. Os peregrinos cumpriram 2.700 quilômetros de caminhada e festejaram o final da jornada numa celebração no pontal da barra, arrodados de centenas de novos seguidores que a eles se foram ajuntando em sagrada e ecológica procissão.

Os escritos da viagem, organizados por Frei Luiz, Adriano e Renato Kirchner compuseram o livro “RIO SÃO FRANCISCO – Uma Caminhada Entre Vida e Morte”.

Nele, os peregrinos deixaram, como mensagem, um rosário de contas que refletem, franciscanamente, convite e apelo a um mutirão de fé e trabalho pela vida do Rio e seu povo.

Em cada conta, um lamento e uma exortação, que sugerem fraterna comunhão com a natureza, na perfeita interação de seus elementos semeadores da vida.

Juntam-se as contas no mistério de achar o rumo, a nova direção para políticas e práticas educacionais de erradicação do analfabetismo e eliminação da miopia de olhares distanciados do verdadeiro sentimento sertanejo, promovendo, simultaneamente, compreensão da realidade e valorização da cultura regional.

No louvor final, concentrado ato de fé pelo exercício da cidadania e o cumprimento das promessas de relação sadia, responsável e equilibrada com o meio ambiente.

“O Rio São Francisco está morrendo...” é clamor, é denúncia que está na visão dos beatos, nos poemas de Drummond e no ABC dos cordéis. Está na alma do povo morador ou viandante, no sofrer dos ribeirinhos. O delato do rio é um retrato do Brasil. Nossa terra generosa, de natureza tão pródiga pelos caminhos da história, se descuidou de ensinar. Não clamou pelo cuidado que é devido a cada um pelos bens que são de todos, seja rua ou seja estrada, seja rio ou seja mar. Não preveniu os seus filhos quanto ao risco do desrespeito pelo que é público ou geral; não criou obstáculo ao lixo pelas ruas e terrenos, despejado nos esgotos, a deslizar para os rios; não valorizou, na medida conveniente, o serviço sanitário, ostensivo só nas crises, falhando na prevenção. Foi o povo acostumado ao desprezo à coisa pública e à causa de sanear. Não se entendeu que sujeira, correndo valas e sanjas, penetrava pelas veias e artérias do nosso chão. A água, san-

gue da terra, contaminou nossos rios, adoeceu nossa gente desavisada.

Se a história faz o povo, faz o povo a sua história quando decide assumir. Há tempo de reverter nosso jeito de ser gente, nossa gente no seu jeito de se assombrar com a morte, reaprendendo viver. Se “o Rio São Francisco está morrendo”, que venha o socorro ecológico, a reza de quem tem fé, coragem de quem confia. Há de se ouvir um bendito cantado na voz do povo, na simplicidade capaz de fazer milagres, de chover transformação.

O curso abençoado

Da Canastra, ele sai. Brota em fonte cristalina, no berço verde da serra, entre veios, água, vida, preparando seu caminho que a natureza traçou. Faz-se o curso, nasce o rio peregrino, cumpre nome de batismo, abre a força do seu leito, criando margens e história.

Santo rio, o São Francisco vai seguindo, prece e bênção, nos barrancos do caminho, procurando o seu destino: busca o norte, fertiliza o sertão, viaja manso e gigante até tombar ao leste para o destino do mar. Segue unindo terra e gente, vira rede e ajunta povo de Vargem Bonita a Três Marias, de Pirapora até a Lapa, de Barra ao Pontal do Peba, querendo desassombrar o rosário de necessidades da carência ribeirinha.

Se o rio pede defesa, sua sede dói em nós. Engatinhando em São Roque, se atira em Casca D’Anta, vira adulto, quer ser forte, mas lhe roubam seu sossego... Vem garimpo, vem mudança no seu curso, vem entulho pelas margens e vem mais: o triste desmatamento ceifando sua valentia.

Sorve nas águas que colhe, gosto de matas passantes, sede das gentes sofridas que nas margens plantam fé. Marginais lhe chegam atos, mais que fatos... São promessas e proje-

tos que se gastam em intenções, mas não garantem seu leito, não defendem seus peixes e nem resguardam seu povo, tão distante do poder.

São Francisco é franciscano no milagre da grandeza, no ser próximo dos pobres, na cantilena da força, no simples de vocação.

Sendo o rio da unidade, sofre em cada contensão pelos tropeços dos homens, faz-se triste de águas turvas, poluídas, sem o transluzir perfeito que a nascente preparou.

Desde a nascente, tem apelo e encantamento, criando lendas, contando histórias, mostrando ser predestinado. Tem proteção de padrinho, do irmão da natureza, do bom Santo de Assis, no seu berço, na Canastra, em imagem protetora, em visagem sob a lua, em aparição contada... Tem o veio protegido, mas seu corpo é mutilado por minério e por desmate, nas margens onde a ganância transforma a mata em carvão. Treme exorcizando o medo de mais perdas, novos erros, como a recobertura vegetal monótona e forasteira, que afugenta os passarinhos e vai ressecando seu chão.

Não chora o rio por si, chora as mágoas do seu povo aquinhado de pouco, pelo peixe escasseado, pelo trabalho que falta, sofrendo por menos água, menos vida, menos sorte no sertão. Crianças de olhos tristonhos ouvem histórias dos velhos, da fartura de bons tempos dos soberbos surubins. Querem também ter direito às aventuras e casos, entrelaçando raízes à realidade de um tempo que ainda pode acontecer.

Pelo sertão segue o rio, no amedronto das beiradas de belezas destruídas, seja no alto, médio ou no baixo, entre afluentes mirrados e contaminados, esbarrando em Três Marias que, dificultando a piracema, faz conter a força viva do seu milagre de peixes, sua multiplicação. Cantam benditos suas águas, pela

Barra de Urucuaia, onde o povo, comungando, reparte o peixe e o pequi.

Crescem coroas de areia que são tumores no leito, revelando à flor das águas seu mal que pede socorro para garantir sua gente, livrar o povo da fome, botar pirão de sustância pelos pratos de farinha.

O Velho Chico pergunta, como andarilho cansado, onde estão suas veredas, cenários de Tatarana, o palco de Guimarães. Questionando certo progresso, São Francisco lacrimeja, ouvindo sobre recursos ambientais e programas que se escasseiam nos rumos, se enfraquecem nos meandros das definições estéreis e resvalam do seu leito.

Ele é um rio de fé. Não lhe bastasse o seu nome, não cumprisse o seu destino, seria ainda bom mestre dando aula para os simples: ABC de pescadores, tabuada de mulheres que somam filhos e netos multiplicando esperança.

É rio de profecias, de beatos e poetas, de agouros, juras e votos, de caboclos e carancas, conjugando o fraseado em verso, prosa e cantigas, colhidos do sentimento alinhavado do povo que, no acanhado da fala, diz também suas verdades, fragmentando lições. “Quem na beira do Rio São Francisco viver, rico não há de ser, de fome e sede não há de morrer e mais de uma camisa não há de ter”. É isto que o rio pede a cada um, pede a nós, tão pouco: a sobrevivência. Tão muito: a sustentação do direito conferido de unidade nacional.

Chega o rio à sua foz, enfraquecido na força, como sente e diz o povo no seu modesto falar. Quase exaurido de fato, seu volume disponível se revela preocupante e se denuncia em sinais. Triste, o Arraial do Cabeço chora sua praça perdida onde o farol, velho marco, se inclina ao sabor do mar. Salgadas águas invadem seu espaço a obrigar o recuo do seu povo pela margem, rio acima, sem

querer perder sua marca, mesmo perdendo seu chão.

Declaração Universal dos Direitos da Água

1

A água faz parte do patrimônio do planeta. Cada continente, cada povo, cada nação, cada região, cada cidade, cada cidadão é plenamente responsável aos olhos de todos.

2

A água é a seiva do nosso planeta. Ela é a condição essencial de vida e de todo ser vegetal, animal ou humano. Sem ela não poderíamos conceber como são a atmosfera, o clima, a vegetação, a cultura ou a agricultura. O direito à água é um dos direitos fundamentais do ser humano: o direito à vida, tal qual é estipulado no Art. 30 da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

3

Os recursos naturais de transformação da água potável são lentos, frágeis e muito limitados. Assim sendo, a água deve ser manipulada com racionalidade, precaução e parcimônia.

4

O equilíbrio e o futuro de nosso planeta dependem da preservação da água e dos seus ciclos. Estes devem permanecer intactos e funcionando normalmente, para garantir a continuidade da vida sobre a Terra.

Este equilíbrio depende, em particular, da preservação dos mares e oceanos por onde os ciclos começam.

5

A água não é somente uma herança dos nossos

predecessores, ela é sobretudo um empréstimo aos nossos sucessores. Sua proteção constitui uma necessidade vital, assim como uma obrigação moral do Homem para com as gerações presentes e futuras.

6

A água não é uma doação gratuita da natureza, ela tem um valor econômico; é preciso saber que ela é, algumas vezes, rara e dispendiosa e que pode muito bem escassear em qualquer região do mundo.

7

A água não deve ser desperdiçada, nem poluída, nem envenenada. De maneira geral, sua utilização deve ser feita com consciência e discernimento, para que não se chegue a uma situação de esgotamento ou de deterioração da qualidade das reservas atualmente disponíveis.

8

A utilização da água implica o respeito à lei. Sua proteção constitui uma obrigação jurídica para todo o homem ou grupo social que a utiliza. Esta questão não deve ser ignorada nem pelo Homem nem pelo Estado.

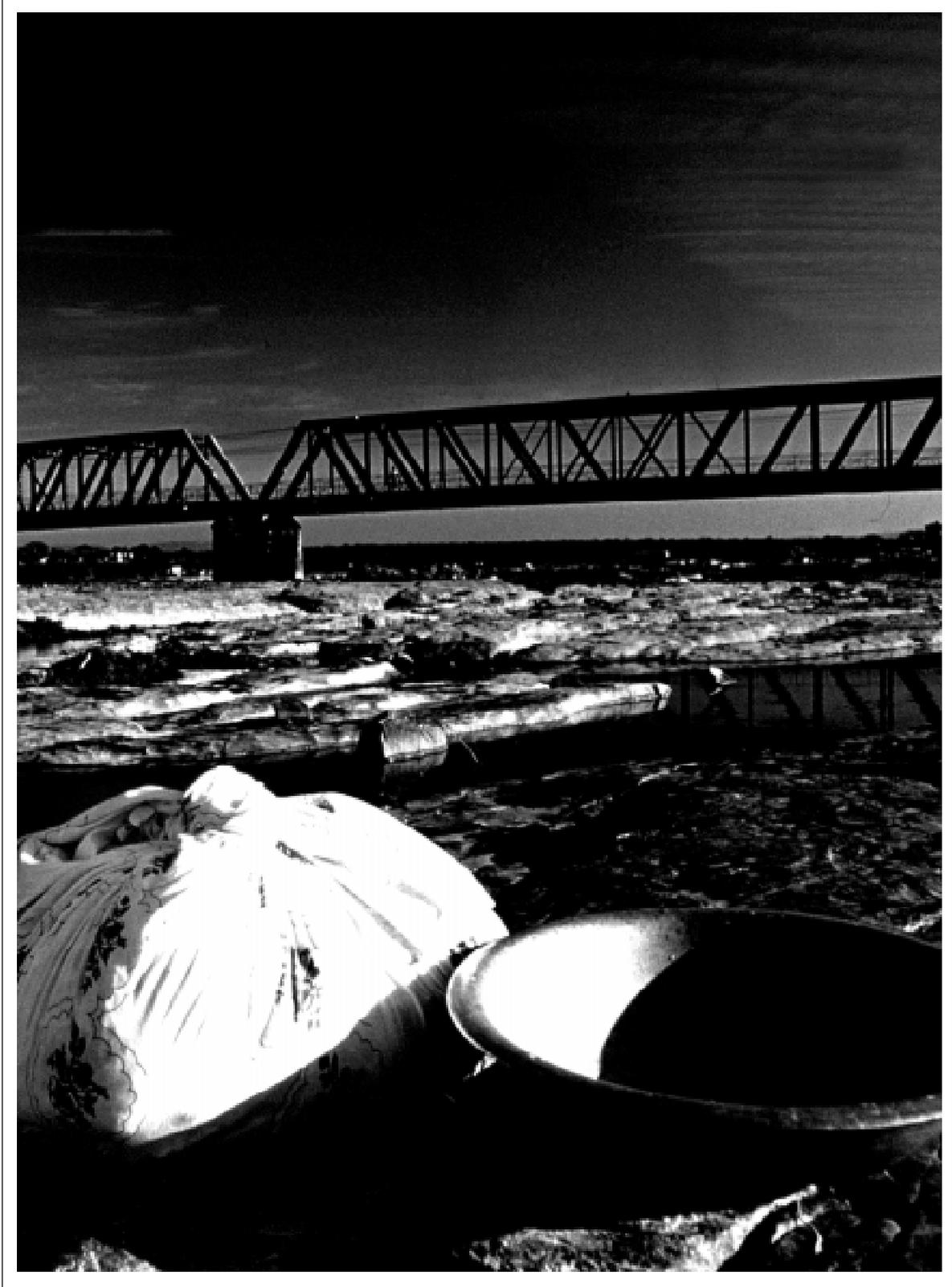
9

A gestão da água impõe um equilíbrio entre os imperativos de sua proteção e as necessidades de ordem econômica, sanitária e social.

10

O planejamento da gestão da água deve levar em conta a solidariedade e o consenso em razão de sua distribuição desigual sobre a Terra.

(Histoire de L'Eau, George Ifrah, Paris, 1992)



“...Onde houver desespero, que eu leve a esperança...”



“...Onde houver tristeza, que eu leve a alegria...”



“...Onde houver trevas, que eu leve a luz !...”



“...Consolar, que ser consolado...”